

Enganadas no passado: as percepções de insegurança na Rússia e Ucrânia

José Pedro Teixeira Fernandes | *Público* | 10 de janeiro de 2022

1. O reemergir das tensões entre a Rússia e a Ucrânia ocupou um lugar de relevo nos acontecimentos políticos mundiais do último ano. É naturalmente uma questão maior de segurança internacional para a União Europeia e a NATO, pela sua proximidade geográfica. Todavia, para além do óbvio — uma anormalmente elevada concentração de forças militares russas na proximidade da fronteira da Ucrânia fazendo temer uma invasão —, o conflito é complexo e multifacetado. Um dos seus aspectos mais paradoxais é o de que quer a Rússia, quer a Ucrânia, se sentem enganadas e inseguras. A Rússia sente-se enganada pelas promessas ocidentais / americanas feitas nos anos 1990 de [não alargamento da NATO](#) a antigos membros do Pacto de Varsóvia. A Ucrânia, sente-se enganada por ter aceitado ficar sem armas nucleares no seu território após o final da União Soviética, em troca da garantia da sua integridade territorial e soberania.

2. É necessário olhar para o passado após a dissolução da União Soviética em finais de 1991, mas também para o passado mais longínquo, para percebermos a complexa cadeia de acontecimentos que gera sentimentos de logro e de insegurança e impulsiona a engrenagem do conflito. No caso da Rússia, a década de 1990 foi um período extraordinariamente traumático. A poderosa União Soviética tinha-se desintegrado e a Federação Russa que lhe sucedeu perdeu parte substancial do seu território e população, apesar de continuar a ser o maior Estado do mundo em termos geográficos. Esse foi um momento de grande fraqueza interna e externa da Rússia. Não só a influência mundial dos tempos da União Soviética se eclipsou, como teve de travar violentos conflitos no Cáucaso — as guerras da Tchetchénia — para não perder mais território e população.

3. A percepção que alimenta uma profunda desconfiança na Rússia face aos EUA e NATO (também face à União Europeia) é a de que o Ocidente fez falsas promessas e se aproveitou da sua vulnerabilidade — o dedo acusador é apontado ao governo de Bill Clinton. Efectivamente, documentos tornados públicos nos últimos anos dos arquivos dos EUA, sugerem que em 1993 o secretário de Estado Warren Christopher terá, de alguma forma, levado o Presidente russo Boris Yeltsin a acreditar que a Parceria para a Paz (PpP) era a alternativa para a expansão da NATO. Uma [conversa datada 22 de Outubro de 1993 sugere que Warren Christopher tranquilizou Yeltsin em Moscovo](#) com a nova PpP que incluiria a Rússia, tal como os restantes países europeus. A ideia foi reiterada após a candidatura e reeleição de Yeltsin em 1996. Todavia, nos bastidores diplomáticos, a possibilidade de expansão da NATO era planeada. Em 1999, a NATO foi efectivamente alargada a três antigos membros do Pacto de Varsóvia — República Checa, Hungria e Polónia — processo que continuou nos anos seguintes a outros Estados da esfera soviética.

4. As promessas do passado deixaram igualmente um sabor amargo na Ucrânia, alimentando ressentimento e desconfiança. Esta sente-se enganada e insegura, especialmente face à Rússia, mas também pelo comportamento (promessas) do Ocidente. A actual concentração de forças militares russas na sua fronteira contrasta, flagrantemente, com as garantias de segurança que foram dadas à Ucrânia a 5 de Dezembro de 1994 pelo Memorando de Budapeste. É necessário notar que uma preocupação maior da diplomacia ocidental na época era de que o fim da União Soviética não deixasse armas nucleares fora do seu Estado sucessor, a Federação Russa. Assim, no referido Memorando de 1994, e em troca de a Ucrânia aceitar o *status* de Estado sem armamento nuclear, a Rússia, os EUA e o Reino Unido tornaram-se potências garantes. Ficou aí salvaguardada — pelo menos o governo ucraniano da época assim achava — a sua soberania, vedado o uso da força, ou ameaça desse uso, contra a sua independência e integridade territorial. Todavia, em 2014, a Rússia anexou a Crimeia e iniciou uma guerra por procuração ao leste do território ucraniano, transgredindo as garantias de segurança que havia dado em 1994.

5. A Crimeia exemplifica a engrenagem conflitual enraizada. Passou a ser parte da República Socialista Soviética da Ucrânia em 1954, na data dos trezentos anos do Tratado Pereslavia de 1654, que garantia a protecção do czar da Rússia aos cossacos que se revoltaram contra a Polónia. Mas a decisão (simbólica) de Nikita Khrushchev teve consequências imprevistas: a Ucrânia independente ficou com a Crimeia. Aos olhos russos essa injustiça histórica foi reparada com a re-anexação de 2014. Além do mais, se os EUA / NATO se afastaram das promessas de não alargamento da NATO, também a Rússia estava desobrigada do Memorando de Budapeste e de não questionar as fronteiras da Ucrânia. Por sua vez, para esta última, é mais uma prova das intenções malignas dos russos. O passado do século XX está cheio de memórias traumáticas, desde o desastre nuclear de Chernobil em 1986 até ao Holodomor — termo derivado das palavras ucranianas fome (*holod*) e extermínio (*mor*) — ocorrido em 1932-1933. Essa fome em massa da era estalinista atingiu particularmente a Ucrânia. Aos olhos de muitos ucranianos terá sido uma vingança pela resistência à integração na União Soviética feita no início dos anos 1920, que pôs fim a um fugaz período de independência iniciado em 1917, após o colapso da Rússia dos czares.

6. Os sentimentos de insegurança e desconfiança da Rússia podem parecer bizarros pelo poder militar do país que é muito superior ao da Ucrânia. Todavia, são reais e a explicação é em grande parte geopolítica. O seu enorme território está em muitos casos sub-povoado e com populações não russas em crescendo. A memória das invasões napoleónicas no século XIX e da Alemanha nazi na II Guerra Mundial está presente. Para além disso, o colapso e dissolução da União Soviética deixou milhões de russos fora da Federação Russa como acontece, por exemplo, no Cazaquistão (mais de 3,5 milhões). No caso da Ucrânia — especialmente em Donetsk, Luhansk e também Kharkiv — as populações etnicamente russas serão algures entre 25% a 40%. Para os russos, a Ucrânia tem um valor simbólico e estratégico. Simbólico, porque o medieval Principado de Kiev (Kyiv em ucraniano) é visto com estando na origem da Rússia, antes desta se (re)centrar à volta de Moscovo. Estratégico, porque permite uma primeira linha de defesa em

profundidade do cerne populacional e económico da Rússia, afastando a NATO e a União Europeia das suas fronteiras.

7. Claro que tudo isto origina profundos sentimentos de insegurança e de desconfiança na Ucrânia. A percepção é agravada pelo facto de ser um Estado recente, com um passado traumático e a população profundamente dividida. Uma parte (tendencialmente) maioritária olha para o Ocidente como modelo e pretende inserir-se a todo o custo nas instituições euro-atlânticas, como faz o actual Presidente ucraniano Volodymyr Zelensky. A outra parte, ainda que seja minoritária, em qualquer caso é muito substancial, olha para a Rússia e rejeita categoricamente essa via. Tais lógicas contraditórias chocam frontalmente. A abertura do Ocidente ao alargamento das instituições euro-atlânticas, em especial da NATO, é vista pelos russos como uma traição ao que lhe foi prometido e uma ameaça quase existencial à sua segurança. Por sua vez, o Ocidente acha inaceitável a reacção da Rússia de se desobrigar dos acordos do pós-Guerra Fria sobre a Ucrânia e de pretender ter veto no alargamento da NATO às suas fronteiras. Neste impasse crítico, o Ocidente tem de perceber que a Rússia (sobretudo) e a Ucrânia se sentem enganadas pelas promessas do passado e que tem também responsabilidades na engrenagem do conflito. O sentimento de logro associado à percepção de insegurança enraizada constituem o maior obstáculo a qualquer solução diplomática.

<https://www.publico.pt/2022/01/10/mundo/analise/enganadas-passado-percepcoes-inseguranca-russia-ucrania-1991271>